

# Uma democracia denominada samba



» JAIME DA ROSA SANTOS  
Músico, servidor público federal aposentado, advogado

Até o governo de Getúlio Vargas nos idos anos de 1930/1940, o samba era criminalizado no Brasil. Quem andasse com pandeiro na rua poderia ser preso por vadiagem, ou seja, “coisa de negro” com pena de até 30 dias de reclusão. Nesse tempo, os negros tinham que se refugiar para poder executar, tocando e cantando esse ritmo que hoje é exportado para o mundo todo. Aí vem o questionamento: qual a razão em obstar essa manifestação espontânea vinda da alma?

Por óbvio que, se tratando de manifestação popular, originária do povo outrora escravizado (entenda-se, povo negro), isso desagradava a sociedade burguesa, racista, muito forte e dominante no Brasil, cujos focos históricos permanecem com pilares bem erguidos nos dias de hoje. Por que falo do samba? Porque é o instrumento que, juntamente com o futebol, mais divulga o Brasil em todo o mundo. Não há qualquer canto do planeta que, quando se fala em Brasil, a imediata referência não seja o samba.

Hoje, quem frequenta uma escola de samba, notadamente no Rio de Janeiro, berço do carnaval, perceberá que não há mais aquela predominância quase absoluta de negros. Nota-se que não há negros em todos os setores

das escolas de samba, a começar pela presidência da Liga Independente das Escolas de Samba do Rio de Janeiro (Liesa), passando pela presidência da maioria absoluta das escolas, quando não nos deparamos com mestres de bateria e demais dirigentes, sem deixar de observar as rainhas de bateria que são escolhidas dentre notáveis mulheres destacadas pela grande mídia, não oriundas das comunidades originárias dessas escolas.

E o que significa tudo isso? Um avanço, uma integração, uma tomada de espaço, uma invasão e apropriação cultural ou uma pretensa democracia cultural? Por isso, o samba deve ser olhado como um dos mais fortes instrumentos culturais deste país, porque, além de ser livre, ele é libertador. Ergue socialmente pessoas oriundas das camadas menos favorecidas ao ponto de integrá-las aos mais altos níveis da nossa sociedade.

Não há dúvidas de que houve aquilo que podemos chamar de evolução de conveniência social — evolução esta capitaneada, passem, pelo samba, pois, sem programação efetiva ou proposital, conseguiu fazer com que as pessoas das mais diversas camadas da sociedade, em algum momento, estivessem, e ainda estejam, juntas para um momento de pura descontração ou para reflexão de como manter viva essa chama cultural. Ou, ainda, para construir novos encaminhamentos em busca do fortalecimento dessa cultura popular que, por muito tempo, foi rechaçada pela elite brasileira que sempre se apossou ou desprezou a força oriunda do povo.

O samba, pois, que hoje é idolatrado — até mesmo por aqueles que durante quase um

século pretendiam dizimá-lo — agora é composto, inclusive, por membros da elite brasileira que chegam a usufruir das benesses, as mais diversas, e, por conta dele, do samba, “desfilam” nas mais poderosas mídias internacionais com estilo e pose de sambista, sem a pecha do homem ou da mulher do morro, da favela, ou, de forma doce e poética, da comunidade (eufemismo).

Toda vez que sou convidado a comparecer a alguma roda de samba ou simplesmente a um samba, já vou curioso para ver que tipo de frequentadores vou encontrar no evento, uma vez que essa frequência não mais se restringe às pessoas negras, como há algum tempo. Pelo contrário, dependendo do local, os negros serão minoria, e, por mais curioso, até os músicos já não mantêm a sua maioria absoluta de negros. Dadas suas raízes, assim vislumbro com orgulho de que se trata de mais uma vitória da população negra, pobre e até favelada.

O samba foi e continua sendo o combustível de crescimento de uma camada sofrida e injustiçada da “nossa” sociedade. É a chave que abre portas inimagináveis há algum tempo e que, hoje, parecem estar à espera de mais um sambista para o enriquecimento dessa cultura popular.

Quando em algum encontro de pessoas promovido com a única intenção de fruir prazer na curtição do samba, o que se observa em cada semblante é a pura felicidade, liberdade, harmonia, tranqüilidade. Até parece que estão programados para tal. Ante o exposto, pergunto: o samba é republicano, democrático ou apenas, coisa de negro? O samba é a raiz da liberdade!



## Os próximos quatro anos



» ANDRÉ GUSTAVO STUMPF  
Jornalista

Faltam três anos e 11 meses para que o governo Trump termine. Ao longo desse período, o bronzeado político norte-americano vai causar muitos estragos nos Estados Unidos — onde está promovendo o desemprego em massa de funcionários públicos — e no exterior, por intermédio de suas sobretaxas aplicadas sem qualquer critério ou negociação prévia. Ele não quer saber das consequências. É o cowboy norte-americano correndo pelas pradarias, matando índios, invadindo países, expulsando comunidades inteiras para construir hotéis de luxo, como sonha fazer em Gaza, em nome da reafirmação da importância do capital. O negócio é fazer dinheiro. O Deus é o dólar.

Esse confuso processo de governar mistura o particular com o público. Trump não mostrou ter qualquer tipo de projeto político ou econômico. No curto prazo, suas medidas econômicas vão resultar em inflação interna, o que vai impactar a economia mundial. No capítulo da política, ele apenas projeta o poder dos Estados Unidos, uma espécie de big stick renovado por mísseis carregados de ogivas nucleares e 11 porta-aviões com capacidade de ataque maior que quase todos os países do mundo, exceto China. Ele ameaça, blefa e espera que o oponente evite o confronto.

Mas, no caso brasileiro, a política externa norte-americana, que nunca foi brilhante, misturou lamentavelmente os dois temas,

o particular e o público. A decisão de atacar o ministro Alexandre de Moraes por proibir a plataforma de vídeos Rumble de operar no Brasil é estapafúrdia. Ainda mais com a nota distribuída pelo Departamento de Estado, órgão que tem obrigação de conhecer os fatos. Confissão pública e constrangedora de desinformação ou da informação tendenciosa. A pressa dos setores radicais nos Estados Unidos em influenciar a política no continente. O Brasil sofreu muito com a influência dos Estados Unidos no golpe de 64. Os torturadores brasileiros foram treinados no quartéis da zona do Canal do Panamá, que pertenciam ao governo de Washington. Não são boas lembranças.

Não é razoável revisitar os fantasmas da política externa norte-americana, que produziu catástrofes em todo o mundo, inclusive no Vietnã. O Brasil não dispõe de mísseis balísticos intercontinentais, não está envolvido na guerra da Ucrânia, onde os grandes testam seus mais recentes equipamentos bélicos. No confronto, o Brasil tende a perder, por falta de meios, mas existe a possibilidade de vencer na diplomacia, que, ao contrário da norte-americana, é exercida por profissionais qualificados. Os embaixadores dos Estados Unidos são usualmente pessoas que fizeram maiores doações para a campanha do vitorioso na eleição presidencial deles.

O vice-presidente dos Estados Unidos, JD Vance, é um exemplo da diplomacia norte-americana. Ele, com aquela sutileza típica dos caipiras, disse no encontro de cúpula com a União Europeia, em Munique, Alemanha, que “há um novo xerife em Washington”. Mais claro, impossível. Demonstrou o tamanho da ignorância que ascendeu ao poder no grande irmão do norte. Vance procurou o partido de direita, nazista, na terra de Hitler. Espantoso.

Sinais de que o mundo está prestes a viver grandes mudanças, provocadas pelos norte-americanos que serão, naturalmente, atingidos pelo que provocaram.

No momento, os norte-americanos estão passando por cima da Europa. A Rússia entra no cardápio apenas para resolver a questão da guerra na Ucrânia e reabrir o mercado interno para produtos, bens e serviços norte-americanos. É firmar acordo com a Ucrânia para exploração de terras raras por empresas dos Estados Unidos. Uma chantagem para terminar a guerra e realizar mais lucros. Mas o grande acordo a ser perseguido é aquele a ser assinado com Pequim. Trump quer criar um G2. Um pacto entre os novos donos do mundo.

O provável futuro chanceler da Alemanha, Friedrich Merz, já iniciou negociações para formar o gabinete que deverá conduzir a política do país nos próximos tempos. Ele, que pertence ao grupo de Angela Merkel, obteve 28,5% dos votos no último pleito. Merz pretende anunciar os nomes até a Páscoa, em 20 de abril. Ele, ao contrário do vice-presidente norte-americano, descarta a aliança com a extrema-direita, o partido AfD. Há um chamado cordão sanitário na Alemanha que impede os partidos de fazerem qualquer tipo de aliança com a extrema-direita, que, apesar de tudo isso, obteve 20% dos votos, a maior parte deles em localidades situadas na antiga Alemanha comunista.

O novo chanceler alemão já declarou que os Estados Unidos não mais têm interesse na Europa. Dito por alemão, isso é sério. Os diplomatas brasileiros vão trabalhar muito nos próximos quatro anos. E o ministro Alexandre de Moraes será o alvo dos direitistas norte-americanos, com apoio do governo de Washington. A direita está avançando na Europa e agora nos Estados Unidos. Novos tempos.

### Visto, lido e ouvido

Desde 1960 (Circe Cunha (interina))

circecunha.df@dabr.com.br



## A esperança de um amor maior

Em meio às notícias controversas sobre a última internação hospitalar do papa Francisco, quando sua situação de saúde parece ter piorado muito, a ponto de preocupar o Vaticano e os fiéis, mais uma vez reacenderam em todo o mundo os palpites sobre os possíveis nomes para substituí-lo no comando da Igreja.

Em tempos de internet, os boatos correm e se espalham por todos os cantos com a velocidade da luz. Desse modo, quando notícias passam a dar conta da fragilidade de saúde de algum pontífice, tão depressa a imprensa católica e leiga passa a divulgar a lista com respectivos currículos dos candidatos. É a vida que segue dentro e fora da Igreja.

O que chama atenção nesse ritual que agora ocorre, de forma apressada, é que a mídia em geral passou a dar importância maior a determinados elementos da biografia dos possíveis candidatos que antes não despertavam interesse. Para os fiéis em geral, o que sempre importou na escolha de um papa é a vida de pastor e santidade do candidato, sua dedicação à Igreja e ao rebanho de Deus.

Com o advento das mídias sociais, esse tipo de acontecimento ganhou uma amplitude jamais vista, e isso, de forma alguma, influencia a escolha de um futuro nome para esse posto. Tanto é assim que ninguém conhecia Jorge Mario Bergoglio antes da fumaça indicar o cardeal eleito.

Mesmo com as notícias mais recentes dando conta da melhora de saúde do papa Francisco, os rumores sobre seus sucessores não foram interrompidos. Não há dúvidas que, dentro dos muros do Estado do Vaticano, rituais como a substituição de um papa são feitos quase que exclusivamente por critérios políticos/religiosos. É que alguns chamam por clericalismo político dado por meio de uma autoridade do tipo divina.

No entanto, é preciso lembrar que a governança da Igreja Católica é feita pela ação humana, e não há como comandar um portento como o Vaticano, com cerca de 1,5 bilhão de crentes, através apenas da providência Divina. Não chega a ser estranho pois que, dentro do Vaticano, as articulações e os conchavos políticos também existam quando o assunto é a escolha de alguém para chefiá-lo.

Um outro aspecto interessante é notar que, tão logo um novo papa passa a assumir a cadeira de São Pedro, mais do que depressa ele passa a perceber que, nessa nova função, não pode tudo. Há regras e limites. Na verdade, a figura de um papa é quase como a de um presidente num regime parlamentarista. Representa o Estado, mas, na prática, não chefia o governo da Igreja.

Curioso também é saber que a chegada do atual papa Francisco ao Vaticano trouxe para a Igreja, de um modo geral, ares de certo liberalismo político e de quebra de paradigmas e de ortodoxia. Pelo menos é essa imagem que é projetada para fora do Vaticano. Internamente, se diz que ele não é nem liberal, nem conservador, pois o Vaticano sempre sinaliza que, dentro da Igreja, essas divisões do mundo secular não se aplicam.

Comparado ao papa João Paulo II, as diferenças de matizes ideológicos ficam mais evidentes. O fato é que o papa, seja qual for sua preferência política, é visto pelos olhos do mundo, e estes olhos são humanos e, portanto, cheios de dúvidas e certezas.

Mas há um fato que parece unir a todos dentro do Vaticano, e esse fato é a diminuição de fiéis pelo mundo, que passaram a migrar para outros credos. Na visão interna, o que se enxerga é que o mundo ocidental parece ter escolhido viver e se estabelecer sobre o planeta sem a presença de Deus. Para os clérigos, esse tipo de mundo, onde Deus parece ter sido exilado da paisagem, é um mundo de escuridão, de mentiras e egoísmo, com a sociedade perdendo pouco a pouco o prazer simples de trazer crianças ao mundo, talvez como modo de preservá-las de um mundo cheio de feridas.

Sem Deus, a sociedade vai criando um ambiente em que já não existe respeito com idosos, com as pessoas se isolando cada vez mais na tristeza, na depressão e no medo do futuro. É um mundo em que, para além do materialismo consumista, nada mais resta a oferecer, a não ser o vazio e o nada. A própria existência torna-se um fardo diário. Para a Igreja, então, a missão maior é mostrar e incutir nas pessoas a esperança de um amor maior, salvador do mundo, de nome Jesus. E essa é a única pregação do tipo política e evangelizadora que cabe ao papa.

### A frase que foi pronunciada:

“Deus dá as batalhas mais difíceis aos seus melhores soldados.”

Papa Francisco

### Desrespeito

» Equipes do GDF precisam atualizar os dados de todas as instituições do governo na internet. Números de hospitais não atendem, números informados de emergências não funcionam, escolas, postos de saúde, nada funciona.

### » História de Brasília

Quanto ao meu emprego na Prefeitura, não é bem emprego. Sou contratado, e aceitei porque vi uma oportunidade de servir à minha cidade. Sobre emprego público, posso lhe dizer que fui, uma ocasião, (sem saber) tesoureiro de um Instituto, e, depois de nomeado, rejeitei a oferta. (Publicada em 27/4/1962)